

Elites políticas mineiras na Primeira República Brasileira: um levantamento prosopográfico.

Cláudia Maria Ribeiro Viscardi (UFJF, Brasil)

No âmbito das discussões metodológicas recentes em torno da “renovação” da História Política, muito se tem falado acerca das vantagens e desvantagens do uso dos levantamentos prosopográficos (Levi, 1989). Muito embora a proliferação recente de biografias individuais ou coletivas seja incontestável, nunca se abandonou este tipo de abordagem no campo de pesquisa em História Política no Brasil, em que pese o fato da maior parte dos mesmos ter tido por objeto primordial as elites.

Um exemplo desta constatação encontra-se no conjunto da produção historiográfica produzida a respeito do estado de Minas Gerais. Sem levar-se em consideração o volume assaz significativo das biografias de políticos mineiros, produzidas ao longo do século XIX até meados do presente século, marcadas pela inspiração historicista e positivista e aliada a um caráter pouco acadêmico, quando as influências da Escola dos Anais fizeram-se sentir em solo mineiro, as biografias continuaram a ser produzidas, não obstante o “abandono” a que a História Política esteve relegada. No entanto, tais produções, ao incorporarem os paradigmas franceses do século XX, acabaram por distinguir-se sobremaneira das biografias anteriores, muito embora seu objeto – a elite política mineira – permanecesse o mesmo. Além do caráter eminentemente acadêmico de tais produções, fizeram-se sentir as contribuições metodológicas derivadas das novas parcerias interdisciplinares da História e, especificamente no caso da historiografia mineira, a autoria “brasilianista” das produções (Fleischer, 1971 e 1978; Weiner, 1980; Wirth, 1982, Martins, 1987).

Em que pese a importante contribuição desses trabalhos na delimitação da elite política mineira da Velha República, a maior parte deles produziu um levantamento biográfico de caráter quantitativo, sem ter a pretensão de acompanhar a trajetória de seus biografados diante dos principais eventos políticos nela ocorridos. Tal abordagem resultou na distorção de algumas informações que só uma pesquisa de caráter qualitativo poderia desvelar.¹

Tal é a intencionalidade reunida neste artigo. A partir de uma amostra coletada com base em critérios eminentemente qualitativos, acompanhamos a trajetória política de cinquenta membros da elite política mineira (aproximadamente 10% do total) buscando verificar seu comportamento diante de eventos políticos previamente delimitados. (Ver Quadro Número 1)

Dos cinquenta atores políticos levantados, vinte e nove pertenceram à primeira geração republicana e vinte e um à segunda. Para a delimitação geracional adotamos os critérios de John Wirth, o qual inclui na primeira geração republicana os nascidos antes de 1869. (Wirth, 1982).

Para a montagem da amostra, incluímos personagens que se destacaram no cenário político estadual ou federal republicano, que foram capazes, ao longo de sua carreira, de agregar lealdades políticas, de intervirem sobre o rumo dos acontecimentos de forma mais efetiva e de, ao mesmo tempo, ocuparem postos-chaves na estrutura burocrática estatal. Para a delimitação dos eventos, optamos por selecionar aqueles que dividiram a elite nacional ao longo da Velha República. Foram eles: a Proclamação da República (1889); a disputa eleitoral entre Hermes da Fonseca e Rui

Barbosa (1910); a disputa eleitoral entre Nilo Peçanha e Rui Barbosa (1922) e a Revolução de 1930.

Muito embora nossa intenção prioritária tenha sido a de acompanhar o comportamento político deste grupo ao longo do regime oligárquico, não abrimos mão de realizar algumas abordagens de caráter quantitativo na condição de informações complementares.

Nas análises realizadas buscamos sempre levar em consideração as origens regionais dos atores incluídos na amostra. Muito embora não seja um exclusivismo mineiro a presença do comportamento político de base regionalista, Minas Gerais possuía algumas especificidades que contribuíram para o acirramento das disputas interregionais.

É lugar comum na historiografia mineira caracterizar o estado como um mosaico composto por sub-regiões muito diferentes entre si. A Zona da Mata e o Sul de Minas eram regiões produtoras de café, de ocupação tardia, em relação às regiões mais antigas do estado. A partir de meados do século XIX, com o desenvolvimento de suas economias cafeicultoras, tornaram-se os principais pólos econômicos de Minas. O Centro do estado, conhecido como Zona Metalúrgica, era marcado pela decadência econômica. Tivera seu auge no contexto da exploração aurífera, entre os séculos XVIII e parte do XIX. O Triângulo Mineiro tinha um identidade incerta. Pouco povoado e pouco representativo na política do estado, dedicava-se às atividades agro-pastoris, voltadas também para o mercado interno. Vítima da influência paulista, desejava separar-se do estado de Minas Gerais, unindo-se ao estado vizinho. A região de Campos das Vertentes, cujo auge político e econômico coincidiu com o do Centro, apresentava igualmente, sinais de decadência. As demais regiões do estado viviam da diversificação econômica, de caráter endógeno ou constituíam-se em vazios populacionais. O mapa em anexo permite uma melhor visualização do quadro apresentado.

Estas diferenças foram responsáveis pela geração de identidades sub-regionais, de caráter cultural, que dificultavam, ainda mais, a união interna do estado. Para Wirth (1982), Minas teria funcionado, politicamente, como um mini-sistema federal. Cabia aos governos estaduais administrarem razoavelmente estas diferenças, impedindo que o estado se desagregasse em unidades territoriais distintas. Muito embora tais divisões não tenham levado à desagregação do estado - não obstante a ocorrência de movimentos separatistas – elas dificultaram a construção de uma conciliação interna indispensável para um desempenho político relevante de Minas no cenário federal. (Viscardi, 1999- B).

1) *Esboço de um Levantamento Quantitativo*

Muito embora levantamentos quantitativos sobre a elite mineira já tenham sido realizados, cabe-nos contrapor os resultados obtidos pela nossa pesquisa aos já existentes. Levando-se em conta a origem regional da amostra que acompanhamos, chegamos à conclusão que foram três as regiões mineiras mais abastecedoras de quadros para a política, na seguinte proporção: Mata: 36%; Centro: 26%; Sul: 20%; Demais: 18%. (Ver quadro número 2)

Em que pese os índices apresentados pelos demais levantamentos não serem exatamente iguais, aproximam-se bastante. As três regiões mineiras foram identificadas como as mais participativas na política em todos os levantamentos realizados. Eram igualmente as mais

¹ Este foi o caso específico de Martins (1987) e dos trabalhos que nele se basearam a posteriori.

povoadas. O Centro era a sede da primeira capital e acabou por sediar a segunda, por ocasião da criação de Belo Horizonte (1898). A Mata e o Sul, como se viu, eram de uma dinamicidade econômica bastante significativa em razão do desenvolvimento da cafeicultura.

Se tomarmos os índices de ocupação do governo do estado de Minas, dividindo o período da Primeira República em três fases distintas, algumas observações interessantes contribuem para um melhor entendimento do perfil de ocupação regional do estado. Podemos afirmar que em um primeiro momento, que vai do início do regime republicano ao estabelecimento da “política dos estados”, houve uma predominância de políticos do Centro de Minas e da Região das Vertentes. No segundo momento, que vai do final do século XIX a 1918, tivemos uma hegemonia sul-mineira, período em que todos os governadores, à exceção de um, vieram desta região. No terceiro e último momento, houve presença majoritária da Mata sobre as demais regiões. (Ver Quadro Número 3)

Se utilizarmos como parâmetro o pertencimento à Comissão Executiva do Partido Republicano Mineiro nos três momentos, chegaremos a resultados semelhantes, conforme ilustra o Quadro Número 4. Na primeira fase, as regiões Central, Mata e Norte controlaram as instâncias partidárias mineiras. No segundo momento, houve uma consolidada hegemonia sul-mineira com o consequente esvaziamento do Norte e do Centro do estado. No terceiro momento houve um equilíbrio entre as três regiões do estado (Mata, Sul e Centro), com ligeiro predomínio da Mata.

Ambos os parâmetros utilizados comprovam trajetórias regionais distintas. A Zona da Mata, na primeira fase, manteve-se representada no governo de Minas de forma inexpressiva, mas teve uma participação mais ativa nas hostes do PRM. Na segunda fase, esteve completamente ausente do governo do estado e secundariamente representada no PRM; Na terceira fase, predominou um equilíbrio regional de poder, com ligeiro predomínio da Zona da Mata. O Sul de Minas teve discreta participação política na primeira fase, o que foi mudado radicalmente na segunda fase, quando chegou a quase monopolizar a presidência do estado e a controlar quase 60% dos cargos da executiva do PRM. Já o Centro de Minas, que controlaria o executivo estadual na primeira fase, teve seu poder diminuído significativamente na segunda fase, só o recuperando, em parte, na última fase.

No que diz respeito à composição política da elite mineira por carreira, os levantamentos previamente realizados apontam para a predominância das profissões jurídicas. Martins fala em um índice superior a 80%. Na pesquisa que empreendemos chegamos a um total aproximado de bacharéis, que foi de 74%. (Ver quadro número 5) Interessante observar que a carreira de professor era a segunda mais ocupada. Em geral, os bacharéis associavam ambas as carreiras.

A presença majoritária de bacharéis na política não foi um componente tipicamente mineiro, mas nacional. Tal fato se explica pelo reduzido número de oferta de cursos superiores, que eram, em sua grande maioria, cursos de Direito.

Muito embora a representação de fazendeiros seja pequena, tanto em nossa pesquisa como nas demais, as conclusões a que chegou especificamente Martins a este respeito nos pareceu um pouco distorcida da realidade. O autor afirma que o baixo índice de representação dos fazendeiros na política mineira teria criado uma elite autônoma dos interesses econômicos predominantes no estado, quais sejam, os da cafeicultura. (Martins,1987). Trata-se de uma distorção

derivada da mera análise quantitativa dos resultados. Em trabalho anterior, tivemos a oportunidade de contestar tal afirmativa, ao analisarmos a participação dos políticos mineiros de forma qualitativa. Na ocasião, pudemos analisar o comportamento da elite mineira diante da defesa dos interesses dos cafeicultores, através da análise das políticas de valorização. Muito embora não tenhamos concluído em direção oposta a dele, qual seja, a de que a elite mineira defendia corporativamente e exclusivamente os interesses dos cafeicultores, reforçamos teses mais recentes que apontam para a relativa autonomia do político frente aos interesses econômicos hegemônicos.²

Feito este mapeamento da composição da amostra selecionada, passemos ao acompanhamento de seu comportamento diante de eventos previamente selecionados.

2) Elites Mineiras na Proclamação da República

Segundo os estudiosos do tema, o movimento republicano em Minas Gerais foi tardio e pouco dinâmico, principalmente quando comparado a seus similares em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. (Silva, Vera, 1982; Resende, Maria, 1982) O primeiro jornal de propaganda do novo regime surgiu em 1879 ("Tiradentes", de Ouro Preto); a construção de um partido se deu às vésperas da Proclamação (1888) e a proliferação dos clubes ficou reduzida aos centros urbanos das regiões economicamente mais prósperas, Mata e Sul do estado.

Muito embora as pesquisas tenham apontado para o caráter frágil do republicanismo mineiro, a adesão ao novo regime foi rápida e significativa. Nosso levantamento confirmou as teses de que as regiões cafeicultoras do estado (Mata e Sul) foram as mais republicanas e a mais adesaista foi o Centro de Minas. Muitas podem ser as explicações para estas diferenças regionais. Acreditamos que duas delas sejam as principais. Em primeiro lugar, o Centro de Minas agregava a maior parte da elite burocrática provincial por ter sido a capital do estado; em segundo lugar, a abolição teve um impacto negativo sobre as economias cafeicultoras em expansão no Sul e Mata mineiros, acirrando os descontentamentos dessas elites em relação ao Império.³ A primeira situação atuaria como arrefecedora de impulsos renovadores sobre a política; a segunda situação contribuiria para uma postura oposta.

A exemplo de outros estados brasileiros, Deodoro indicou para o governo de Minas um político que não fizera parte da propaganda republicana, descontentando parte significativa da elite mineira, que em relação a ele manteve-se em oposição. A renúncia de Deodoro, associada à fragilidade de suas bases internas de sustentação, provocou igualmente a renúncia do governador mineiro.

As divergências da primeira década republicana teriam fértil repercussão em Minas Gerais, dividindo sua elite em grupos ligados ou ao florianismo (60%) ou ao deodorismo (40%). Ao final da gestão de Prudente de Moraes (1898), a elite mineira encontrava-se majoritariamente associada ao situacionismo nacional (80%) em oposição à resistência florianista concentrada na Zona

² Aqui nos referimos aos trabalhos de Fritsch, W. (1989) e Topik, S. (1989). O trabalho de nossa autoria foi Viscardi, C. (1999-A).

³ Wirth afirma que apenas 6% dos republicanos mineiros eram abolicionistas, o que confirma nossa afirmação. (Wirth, J. 1982).

da Mata Mineira (20%).⁴

3) Elites Mineiras na Campanha Civilista

Muito embora a maior parte dos historiadores mineiros contestem a existência de acirradas disputas intra-elitistas no âmbito da política mineira, após a primeira década republicana, procuramos em nossas pesquisas, relativizar esta tese, destacando ocasiões em que tais disputas prejudicaram a intervenção mineira no esquema federal, implantado a partir da “política dos estados” de Campos Sales (Viscardi, 1999- A). Um dos momentos mais destacados de divisão interna da elite mineira ocorreu ao longo da gestão presidencial de Afonso Pena, a qual confluuiu na colocação de duas candidaturas presidenciais relativamente competitivas, sobretudo se comparada às anteriores, qual seja, a que opôs as candidaturas do baiano Rui Barbosa e do militar Hermes da Fonseca.

No levantamento prosopográfico realizado, pudemos aferir que a maior parte dos políticos mineiros que aderiu à candidatura civilista eram da Zona da Mata e a menor parcela de civilistas encontrava-se ao Sul de Minas, região que, conseqüentemente, abrigava a maior parte dos hermistas. (Ver quadro Número 6)

Estas conclusões diferem significativamente das abordagens até então presentes. Segundo a maior parte dos historiadores mineiros, o civilismo foi muito pouco significativo em Minas, o que é parcialmente correto. Nosso levantamento apontou para a presença percentual de 36,11% de civilistas contra 63,88% de hermistas. Levando-se em consideração que o hermismo representaria a continuidade mineira no poder, uma vez que a vice-presidência caberia a Minas Gerais, ao contrário do que afirmou-se, a dissidência torna-se bastante significativa.

Uma outra contraposição que aferimos diz respeito às diferenças intraintra-regionais. A quase totalidade de historiadores mineiros que se dedicaram ao tema afirma que a política mineira foi dominada por uma aliança entre as regiões Mata e Sul, fundamentada em interesses comuns vinculados à cafeicultura. Nossa pesquisa apontou em direção contrária, mostrando que as regiões Mata e Sul encontravam-se em posições opostas, na ocasião.

Várias podem ser as razões para o significativo apoio à candidatura de oposição em Minas Gerais nas eleições de 1910 e para a não coincidência de interesses políticos entre duas regiões cafeicultoras do estado. Destacaremos as principais. É conhecido o fato que deu origem à intensa disputa eleitoral em 1910. O veto à candidatura do mineiro David Campista, capaz de agregar os apoios dos estados de Minas e São Paulo, dividiu as bases de sustentação da presidência Afonso Pena (chamado “bloco”) em dois grupos opostos. É natural que as bases de sustentação do nome de Campista (os políticos ligados ao grupo “jardim da infância”) não se conformassem com a indicação da candidatura de Hermes e a ela se opusessem. Daí explicar-se a importância e dinamicidade do civilismo em Minas. No que diz respeito à oposição política entre as duas regiões cafeicultoras mineiras, ela se funda em dois pilares. O primeiro é muito simples. Os modelos de cafeicultura das duas regiões eram bastante distintos, dificultando a sedimentação de interesses econômicos

⁴ Estes dados fazem parte de um outro levantamento cujas conclusões poderão ser encontradas em VISCARDI, (1999-B).

comuns.⁵ O segundo mais simples ainda. David Campista era uma das mais destacadas lideranças políticas da Zona da Mata. E Wenceslau Brás, candidato a vice na chapa de Hermes, era do Sul de Minas. As duas regiões encontravam-se representadas em lados opostos.

4) Elites Políticas Mineiras e a Reação Republicana

Um terceiro momento propício à divisão nacional ocorreu por ocasião da sucessão de Epitácio Pessoa à Presidência da República. Opuseram-se duas candidaturas. A de situação, sustentada pelos estados de Minas e São Paulo, encabeçada por Artur Bernardes; e a de Nilo Peçanha, sustentada por gaúchos, fluminenses e baianos.

É natural que os mineiros apoiassem maciçamente a candidatura de seu conterrâneo. O levantamento realizado comprova que apenas 15,78% da elite mineira sustentou a candidatura oposicionista de Nilo Peçanha. (Ver quadro Número 7). O que nos chamou mais a atenção foi o fato de que o menor apoio a Bernardes partiu exatamente da região sul-mineira e o maior apoio partiu da Mata, região de origem do candidato.

Novamente, as duas regiões encontravam-se em pólos opostos. Desta vez, pode ter atuado como elemento mobilizador da candidatura fluminense de Nilo Peçanha no Sul de Minas Gerais as mudanças empreendidas por Bernardes no PRM quando esteve à frente do governo de Minas (1918-1922). Na ocasião, Bernardes provocou mudanças partidárias importantes que confluíram no afastamento de antigos coronéis (em sua maioria sul-mineiros) do controle da comissão executiva do partido. Tal comportamento angariou oposições que iriam se manifestar por ocasião de sua candidatura presidencial, poucos anos mais tarde.

5) Elites Políticas Mineiras e a Revolução de 30

Muito embora seja óbvia a adesão dos políticos mineiros ao projeto revolucionário encaminhado pelos estados de Minas, Rio Grande e Paraíba, o apoio à candidatura de Júlio Prestes no estado representou 20% dos políticos que acompanhamos. (Ver Quadro Número 8). Reunidos na “Concentração Conservadora” estes políticos concentraram-se de forma dispersa no estado, ganhando prevalência na região central de Minas.

Muito embora uma das mais significativas lideranças revolucionárias fosse do sul de Minas (Wenceslau Brás), a região foi a que reuniu o menor número de revolucionários. Por oposição, a Mata foi a região que reuniu o menor número de concentrados, o que confirma nossas afirmações anteriores, relativas à dispersão de interesses entre as duas regiões.

O apoio da região Central à candidatura situacionista de Júlio Prestes pode ser explicado pela tentativa da região em reverter o quadro de progressivo esvaziamento político que se dava ao longo do regime republicano. Ao mesmo tempo, a região concentrava a liderança de Melo Viana, político emergente da região, que tinha como única forma de acesso ao governo do estado o apoio de

⁵ O café produzido na Mata, extensão da cafeicultura da Vale do Paraíba Fluminense, era de baixa qualidade e pagava fretes mais altos. O produzido pelo Sul, extensão da cafeicultura paulista, era de alta qualidade e pagava fretes mais baixos, por utilizar-se da malha ferroviária e do porto paulistas. Nos momentos de crise, os cafeicultores da Mata eram responsabilizados pela superprodução e os

W. Luiz, por ter sido rejeitado pelo PRM em prol da candidatura de um nome mais tradicional na política mineira, o de Olegário Maciel.

Apesar do percentual de apoio a Washington Luiz não ter sido desprezível, o fato é que o projeto revolucionário foi majoritariamente aceito pelas elites mineiras, por todo o estado, o que era de se esperar.

Nosso levantamento buscou, por fim, perceber se existiria uma lógica presente nas opções políticas realizadas pela elite mineira, ao longo do regime. Acompanhando as posturas políticas assumidas, nossa conclusão foi que nossa classe política foi de um discreto republicanismo, mas majoritariamente adesista ao novo regime; vencidos os arroubos florianistas, converteu-se ao situacionismo nacional com Campos Sales; muito embora dividida, sustentou a candidatura hermista; foi fortemente oposta às tentativas oposicionistas da Reação Republicana e por fim, sustentou a Revolução de 30.

Do ponto de vista regional outras observações podem ser feitas. A Zona da Mata foi ativa propagandista da República; foi florianista radical, teve dificuldades em associar-se à hegemonia política paulista capitaneada por Campos Sales e foi civilista, circunstâncias que lhe renderam um decréscimo em sua inserção política regional, principalmente no que tange à ocupação de postos executivos estaduais; por fim, foi bernardista e revolucionária. O Sul de Minas, ao contrário, apesar de republicano, afastou-se do florianismo, aderindo à “política dos estados” e foi hermista em sua totalidade, o que lhe angariou projeção política interna significativa; foi discretamente bernardista e revolucionário em sua maioria. Por fim, o Centro de Minas. Foi adesista e deodorista, o que lhe garantiu consideráveis ganhos na primeira fase da República; aderiu ao pacto dos estados, mas dividiu-se entre as candidaturas de Hermes e Rui, o que pode ter contribuído para a sua fragilização no período intermediário; por fim, foi bernardista e revolucionário, muito embora reunisse a maior parte dos concentrados mineiros.

Após essas análises, torna-se patente a interferência da política nacional sobre as articulações internas dos estados. As unidades federadas que melhor êxito tiveram sobre o equacionamento de suas disputas intra-oligárquicas foram as que melhor desempenho nacional tiveram. Minas Gerais ilustra bem esta constatação. Na primeira fase, assolada por disputas internas, Minas teve uma participação discreta no cenário nacional. Na segunda fase e terceira fases, ou sob hegemonia Sul-mineira ou com base no equilíbrio inter-regional, o estado pôde alçar vôos mais altos em sua trajetória hegemônica sobre o regime.

Bibliografia

BLAISENHEIM, Peter. **A regional history of Zona da Mata in Minas Gerais** - Brazil, 1870-1906 . Tese de Doutorado, Stanford, 1982.

FLEISCHER, David V. Carlos Peixoto Filho: o Jardim da Infância. In:... **Perfis Parlamentares 2: Carlos Peixoto Filho**, Brasília: UNB, 1978. p. 17-55. Introdução;

primeiros a serem ameaçados pela proibição de plantio. A este respeito ver Blaisenheim, Peter. (1982) e Pires, Anderson (1993).

FLEISCHER, David.V. O recrutamento político em Minas (1890/1918) In:---**Revista Brasileira de Estudos Políticos**,1971, Belo Horizonte/UFMG.

FRITSCH, Winston. Apogeu e crise na Primeira República: 1900-1930. In: ___ ABREU, Marcelo de P. (org.) **A ordem do progresso**, cem anos de política econômica republicana (1889-1989), Rio de Janeiro, Campus, 1989.

LEVI, Giovanni. Les usages de la Biographie in:--- **Annales ESC**, novembre-décembre 1989, n. 6, pp.1325-1336

MARTINS FILHO, A. **The white collar Republic: Patronage and Interest Representation in Minas Gerais**, 1889-1930. Tese de Doutorado, Illinois, 1987.

PIRES, Anderson J. **Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora**. 1870 - 1930. Dissertação de Mestrado, UFF, 1993.

RESENDE, Maria E. L. de. **Formação e estrutura de dominação em Minas Gerais: o novo PRM**. 1889-1906. Belo Horizonte: UFMG, 1982

SILVA , Vera Alice C. O significado da participação dos mineiros na política nacional, durante a Primeira República. IN: MONTEIRO, Norma de G. (org.) **V Seminário de Estudos Mineiros**, Belo Horizonte: UFMG, 1982, pp.145-163.

TOPIK, Steven. **A presença do estado na economia política do Brasil de 1889 a 1930**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

VISCARDI, Cláudia M. R. **Teatro do Absurdo**: a nova ordem do federalismo oligárquico, Rio de Janeiro, UFRJ, tese, 1999.

VISCARDI, Cláudia M. R. Minas de Dentro para Fora: A Política Interna Mineira no Contexto da Primeira República, **Locus Revista de História**, Juiz de Fora, 1999.volume 5, número 2.

WEINER, Jerry T. **Afonso Pena: Minas Gerais and the transition from Empire to Republic in Brazil**, City University of New York, 1980, tese.

WIRTH, John. **O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira** (1889-1937), Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

Quadro Número 1

Composição do Quadro Prosopográfico

NOME	ANO DE NASCIMENTO	GERAÇÃO
1. Cesário Alvim	1839	Primeira
2. Eduardo Cerqueira	1842	Primeira
3. Carlos Vaz de Mello	1842	Primeira
4. Levindo Lopes	1843	Primeira
5. Feliciano Pena	1845	Primeira
6. Necésio Tavares	1846	Primeira
7. Bias Fortes	1847	Primeira
8. Afonso Pena	1847	Primeira
9. Silviano Brandão	1848	Primeira
10. Fernando Lobo	1851	Primeira
11. Costa e Sena	1852	Primeira
12. Gonçalves Ramos	1853	Primeira
13. Olegário Maciel	1855	Primeira
14. Bernardo Monteiro	1857	Primeira
15. Bueno Brandão	1858	Primeira
16. Francisco Bressane	1859	Primeira
17. Augusto de Lima	1859	Primeira
18. Sabino Barroso	1859	Primeira
19. Antônio Olinto	1860	Primeira
20. João Pinheiro	1860	Primeira
21. David Campista	1863	Primeira
22. Luiz Detsi	1863	Primeira
23. João Ribeiro	1863	Primeira
24. Constantino Paleta	1863	Primeira
25. Francisco Sales	1864	Primeira
26. Astolfo Dutra	1864	Primeira
27. Olinto Magalhães	1867	Primeira
28. Wenceslau Brás	1868	Primeira
29. Delfim Moreira	1868	Segunda
30. Mendes Pimentel	1869	Segunda
31. Edmundo da Veiga	1869	Segunda

32. Melo Franco	1870	Segunda
33. João Luiz Alves	1870	Segunda
34. Pandiá Calógeras	1870	Segunda
35. Estevão Pinto	1870	Segunda
36. Antônio Carlos	1870	Segunda
37. Carlos Peixoto	1871	Segunda
38. Ribeiro Junqueira	1871	Segunda
39. Bueno de Paiva	1871	Segunda
40. Carvalho de Brito	1872	Segunda
41. Artur Bernardes	1875	Segunda
42. Caldeira Brant	1876	Segunda
43. Américo Lopes	1877	Segunda
44. Raul Soares	1877	Segunda
45. Melo Viana	1878	Segunda
46. Pena Júnior	1879	Segunda
47. Penido Filho	1882	Segunda
48. Alaor Prata	1882	Segunda
49. Teodomiro Santiago	1882	Segunda
50. Virgílio de Melo Franco	1897	Segunda

MAPA DAS PRINCIPAIS REGIÕES DE MINAS GERAIS (1889/1930)



FONTE: Adaptação de WIRTH, John. **O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira** (1889-1937), Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

Quadro Número 2

Elite Mineira por Origem Regional

Região	Primeira Geração	Percentual	Segunda Geração	Percentual	Total Percentual
Mata	11	37,93	7	33,33	36
Sul	8	27,58	2	9,52	20
Centro	6	20,68	7	33,33	26
Vertentes	2	6,89	1	4,76	6
Triângulo	0	0	2	9,52	4
Oeste	1	3,44	2	9,52	6
Norte	1	3,44	0	0	2
Total	29	100	21	100	100

Quadro Número 3

Ocupação Regional da Presidência do Estado de Minas

Regiões	1888-1898	1898-1918	1918-1930
Centro	33,33	16,66	20
Mata	13,33	0	60
Sul	0	83,33	0
Vertentes	33,33	0	0
Oeste	0	0	20
Outros	20	0	0

Quadro Número 4
Ocupação Regional da Comissão Executiva do PRM

Regiões	1888-1898	1898-1918	1918-1930
Centro	21,42	0	34,48
Mata	35,71	31,57	36,84
Sul	7,14	57,89	31,03
Vertentes	7,14	5,26	5,26
Oeste	7,14	0	5,26
Triângulo	0	0	5,26
Norte	21,42	5,26	0

Quadro Número 5
Elite Mineira por Profissões

Profissão	Primeira Geração	Percentual	Segunda Geração	Percentual	Total Percentual
Bacharel	19	65,51	18	85,71	74
Professor	11	37,93	8	38,09	38
Jornalista	9	31,03	5	23,80	28
Empresário/ Banqueiro	6	20,68	5	23,80	22
Engenheiro	4	13,79	2	9,52	12
Médico	4	13,79	1	4,76	10
Fazendeiro	4	13,79	1	4,76	10

OBS: O total excede a 100 em razão da existência de carreiras múltiplas.

Quadro Número 6

Quadro Sucessório por Região – Sucessão de 1910 (percentuais)

Grupo	Mata	Sul	Centro	Outras	Total
Hermistas	13,88	25	8,33	16,66	63,87
Civilistas	22,22	0	8,33	5,55	36,1

Quadro Número 7

Quadro Sucessório por Região – Sucessão de 1922 (percentuais)

Grupo	Mata	Sul	Centro	Outras	Total
Bernadistas	26,31	10,52	26,31	21,05	84,19
Nilistas	5,26	5,26	0	5,26	15,78

Quadro Número 8

Quadro Regional – Revolução de 1930 (percentuais)

Grupo	Mata	Sul	Centro	Outras	<u>Total</u>
Revolucionários	20	15	20	25	80
Concentrados	0	5	10	5	20